

ALPHABETIZAÇÃO

POPULAR



CHRONICA SEMANAL

REDIGIDA POR UMA SOCIEDADE D'HOMENS SEM LETTRAS

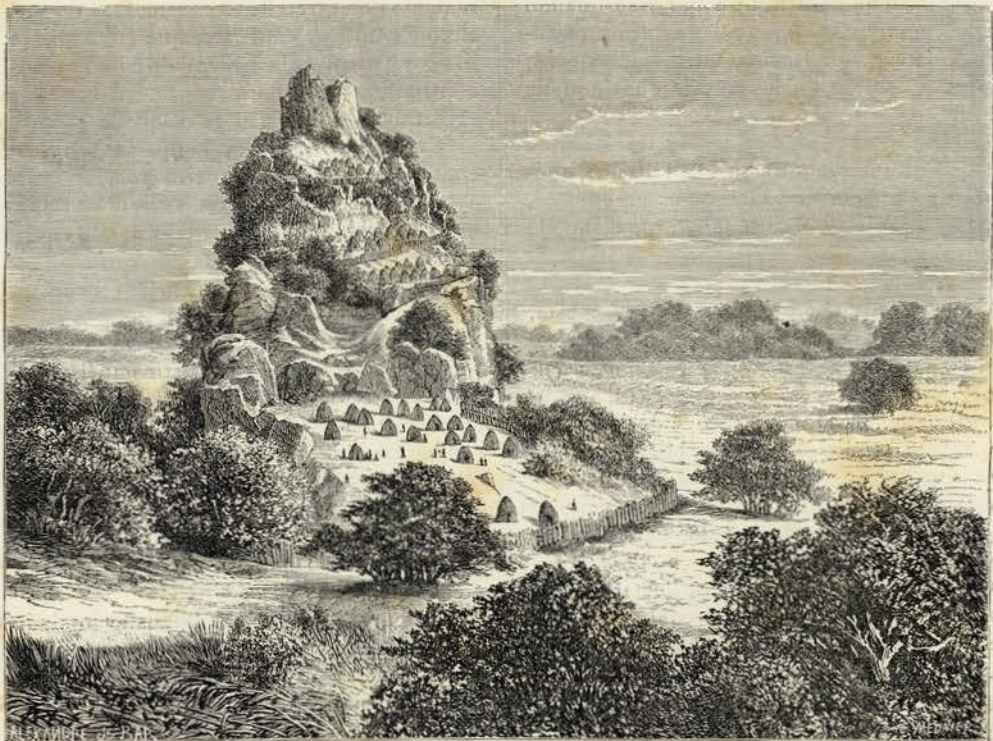
PROPRIETARIO — HUMBERTO S. PINTO

CORRESPONDENCIA À LIVRARIA POPULAR, R. AUGUSTA, 222 — LISBOA

PUBLICA-SE ÀS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO POR ANNO OU 52 N.º 1\$000 RÉIS — CADA N.º 20 RÉIS

ANNO 1.º LISBOA, 11 DE SETEMBRO DE 1884 NUMERO 11



QUINGOLO

CHRONICA DA SEMANA

Summario—A crise operaria e o municipio de Lisboa—
A Figueira

O SENADO de Lisboa está soffrendo, actualmente, os funestos effeitos da sua leviana administração. Por falta de meios teve de suspender diversas obras e de despedir um numero consideravel de operarios, que ganhavam alli o sustento de suas familias.

Não comprehendemos, nem sabemos explicar como acontecem estes factos, em um pai z, que se rege por leis liberaes e tem um governo, que fiscalisa os actos de todos os corpos administrativos.

Nós suppunhamos que os municipios faziam os seus orçamentos, os quaes eram submettidos à sancção superior, antes de serem executados; nós julgavamos que, a cada verba de despeza, correspondia uma verba de receita, que não podia ter outra applicação, que não fosse a indicada no orçamento; nós acreditavamos que havia responsabilidade pela falta do cumprimento das prescrições legais, que regulam o exercicio dos corpos administrativos; e por isso quando ouviamos as queixas, levantadas contra a gerencia do municipio de Lisboa, attribuiamos esses clamores a causas alheias e estranhas áquelle assumpto.

Os factos, porém, vieram demonstrar-nos que tinha sido demasiada a nossa boa fé e que, effectivamente, tinham razão de ser as accusações, que pezavam sobre a má administração d'aquella collectividade, que nós suppunhamos victima de injustas apreciações.

Posta a questão nos termos, em que está, pergunta-se: É ou não culpado o governo d'essa crise que deixa sem pão e ao desamparo centenas de familias?

Evidentemente, que é; porque devia ao primeiro rebate das accusações, que se formulavam contra a gerencia municipal de Lisboa, acudir com uma syndicancia áquelle estabelecimento e averiguar se ellas eram fundadas para castigar os culpados ou os calumniadores.

O governo não cuidou d'isso. A imprensa diariamente pedia providencias contra as dissipações da vereação de Lisboa; no parlamento requereram-se documentos e annunciaram-se interpellações; chegou-se até a prophetisar a bancarrota municipal e não se tomou uma medida, não se decretou uma providencia, não se deu uma satisfação ao publico, que esperava uma de-

liberação governativa, que fizesse luz nas trevas, em que se envolvia essa questão momentosa e importante.

Agora ahi estão os factos na sua muda eloquencia a accusar o senado e o governo; agora já não é a paixão politica que desabafa em accusações violentas; agora são milhares de familias a pedirem pão; agora é a fome a pedir contas áquelles que deviam ter evitado a crise operaria, que está affligindo tantas familias.

×

A Figueira, a sultana do Mondego, a feiteira fada, que tem a seus pés o indomito oceano, que ora suspira murmurando queixas nas penedias da praia, ora rugo furioso saccudindo a espuma das suas vagas, está sendo no momento actual, a praia da moda, a estação balnear da primeira sociedade portugueza.

O mundo aristocratico, o mundo artistico e o mundo litterario estão alli representados pelos seus membros mais distinctos, pelos seus homens mais notaveis.

A Figueira, para corresponder á importancia dos seus hospedes, emprehendeu diversos melhoramentos e entre elles a construcção do theatro-circo *Saraiva de Carvalho*, que é um primor artistico, não só pela belleza do risco como pelo escrupulo, com que foram satisfeitas todas as exigencias das edificações d'aquelle genero.

Carlos Relvas, o elegantissimo *sportman*, o eminente artista, o primeiro amator tauromatico do paiz, obedecendo aos impulsos do seu generoso coração, quiz contribuir para o engrandecimento da primeira casa de caridade da Figueira, dando duas touradas em beneficio da Misericordia d'aquella cidade.

A praça não pode infelizmente dar logar a todos os que desejaram assistir áquellas esplendidas corridas, em que o gentil cavalleiro, com a pericia que todos lhe reconhecem e com o sangue frio, que é um dos caracteristicos da fina tempera do seu character, demonstrou mais uma vez, que as tradições do marquez de Marialva e do conde de Vimioso não se extinguiram de todo, porque ha ainda quem sabe conserval-as e engrandecel-as.

Os curros foram escolhidos pelo dadivoso cavalleiro nas manadas do opulento lavrador do Ribatejo, Gaspar Gomes dos Anjos, que desejando associar-se tambem áquella obra meritoria os cedeu generosamente.

Na tarde do dia 7 foram corridos sete touros raiados, formosos animaes, não só pela elegancia

das fôrmas, como pela bravura e pela pureza da raça.

Carlos Relvas appareceu na praça montado em um formosissimo cavallo e fez as cortezias com a distincção e com a maestria, que lhe dão sempre o primeiro logar entre os nossos primeiros cavalleiros.

Os espectadores cobriram-o de applausos e quando elle enfeitou os dois bois, que lhe foram destinados, com ferros, collocados todos com arte e em sortes á tira e á meia volta, cahiu dos camarotes uma chuva de leques, de pulseiras e de lenços perfumados e das trincheiras uma avalanche de chapéus, uma saraivada de charutos e uma tempestade de *vivas* e *hurrahs*.

Foi um delirio, e quando terminou o espectáculo mais de duas mil pessoas o acompanharam, entre saudações, até casa do dr. José Maria de Lemos, onde se acha hospedado.

A corrida do dia 8 foi igualmente concorrida e deu logar á repetição das mesmas scenas de entusiasmo.

O curro, composto de sete bois pretos e caçaças, saiu magnifico e Carlos Relvas conservou e manteve o prestigio adquirido na tourada anterior.

Em ambas as touradas os artistas de profissão, que tomaram parte nas corridas, houveram-se com a galhardia que os distingue, sobresahindo José Peixinho, que é, sem favor, um dos nossos melhores toureiros.

Se na alma de Carlos Relvas houvesse logar para vaidades, elle devia estar orgulhoso com as manifestações, de que tem sido alvo na Figueira. Naquelle coração não ha logar, porém, para esses pequeninos sentimentos; e podemos asseverar, que só sente a alegria de ter concorrido para a prosperidade de um estabelecimento, que merece a protecção de todos, porque é o refugio da pobreza, o porto de abrigo que encontram todos os desgraçados, quando as tempestades da vida, depois de lucta porfiada, os atiram alquebrados e moribundos ás ermas praias da miséria

Nós tambem d'aqui o abraçamos.



DESCRIPÇÃO DAS NOSSAS GRAVURAS

A NOSSA primeira gravura representa um outeiro granitico, que domina uma enorme planicie e ao qual os indigenas africanos deram o nome de *Quingolo*.

Por entre as rochas crescem *sycomoros* enormes, que dão áquella paragem uma frescura constante.

Essas rochas, combinadas com as paliçadas, constituem uma temivel fortificação, rodeada de um fosso meio obstruido. No topo do outeiro, dois rochedos enormes formam uma especie de mirante, d'onde se gosa um surprehendente panorama.

Similhante ao panorama, que se gosa da Cruz Alta do Bussaco se a matta, em vez de limitada na estreita cinta de muralhas, se estendesse dos Cabos Carvoeiro e Mondego até á beira mar, apenas interrompida aqui e além por verdejantes clareiras, o paiz que se avista do alto de Quingolo é talvez mais vasto e grandioso, sendo limitado em torno por um perfil azulado de longiquas montanhas, que, pela distancia a que ficam, mal se avistam.



A nossa segunda gravura representa a mesquita de *Dodinga*, uma aldeia da grande ilha de Gilolo, na Nova Guiné.

A mesquita é um edificio de tectos sobrepostos, pobrissima imitação da grande mesquita de Ternate, e que não tem a recommendal-a senão a magnifica posição topographica, em que foi edificada.

Em volta da mesquita existem magnificos prados naturaes, cortados em diffentes pontos por bosques copados de arvoredo.

Na mesquita vêem-se os fetiches dos Alfuros, bustos de madeira do tamanho natural, ornados com cabelleiras humanas, vasos rachados e quebrados e farrapos de estofos multicores, que attestam o culto prestado áquellas imagens, grosseiros emblemas da ignorancia d'aquelles povos selvagens.



A nossa terceira gravura representa o typo dos homens e mulheres Quimbandés, povos que habitam nas margens do Cuanza.

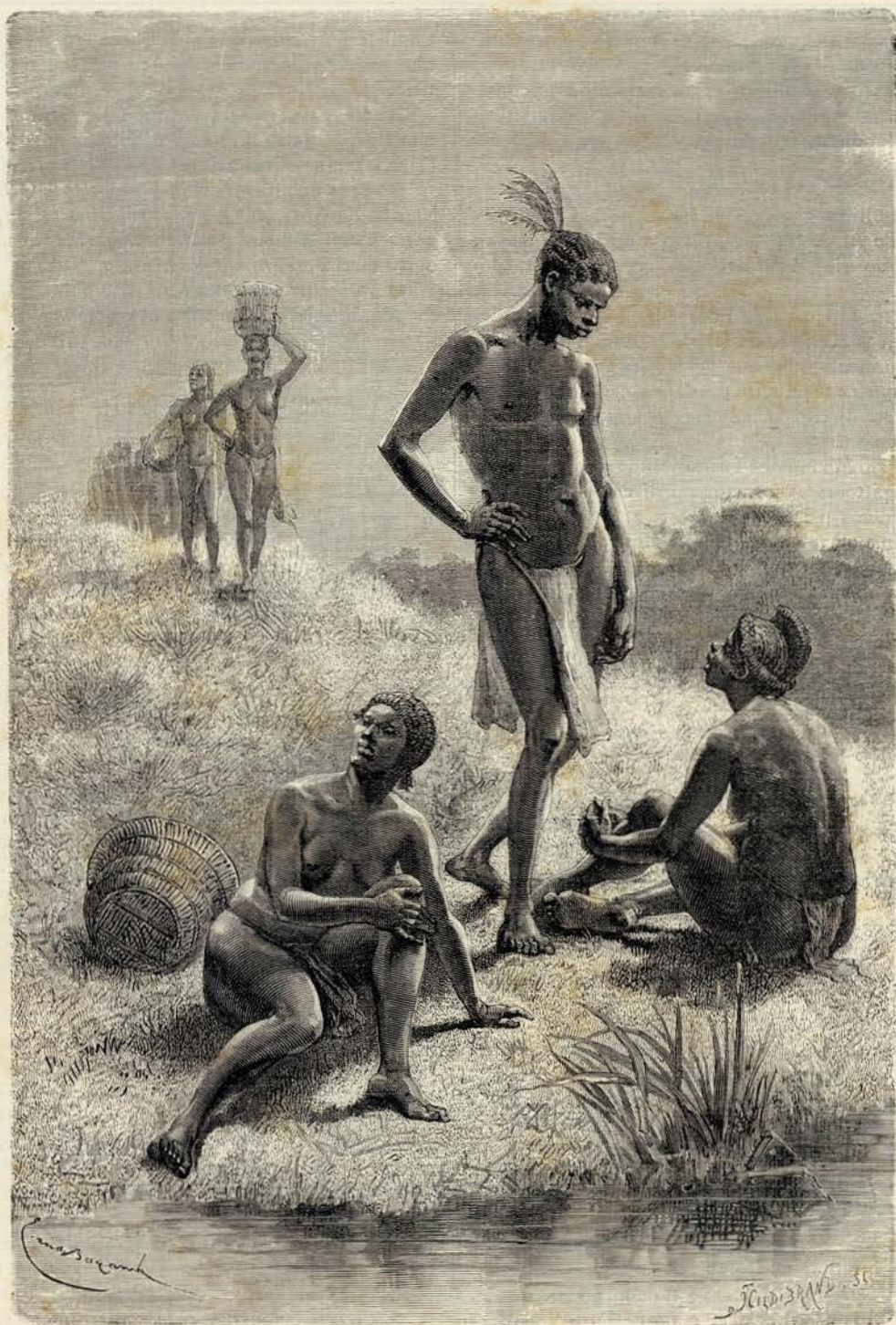
As mulheres, se não fossem pretas podiam chamar-se bonitas, porque as suas feições são distinctas e correctas e muito similhantes ás das circassianas.

Os homens cobrem a nudez com duas pelles de pequenos antilopes prezas, tanto a de diante como a de traz, a um largo cinto de couro de boi. Os sobas uzam pelles de leopardo.

As mulheres andam quasi nuas e substituem a folha de parra por um farrapo de panno ou de lieonte. Os penteados são curiosissimos, porque



A MESQUITA DE DODINGA



HOMENS E MULHERES QUIMBÂNDÉS

alguns parecem um capacete romano e outros um chapéu de dama europeia.

Para conseguirem essas maravilhosas construcções capillares servem-se de um cosmetico nauseabundo, feito de tacula em pó e oleo de ricino.

×

A ultima gravura foi feita segundo um desenho de A. de Bar e representa uma linda paisagem do rio Moondah, que corre na costa do Gabão.

Desde 1839, que a França tem o protectorado das duas margens do Gabão — Moondah e Monni — protectorado, que pelos tractados successivos, que se têm feito desde então, dá á republica franceza direitos incontestaveis áquelles extensos territorios.

O rio Moondah é formosissimo e as suas margens pittorescas formam em diversos pontos encantadoras paisagens.

No notavel livro do vice-almirante Fleuriot de Langle, *Cruzeiros na Costa d'Africa*, pôde o leitor curioso encontrar interessantes detalhes d'aquella vasta região, que foi explorada por aquelle notavel homem de letras e um dos ornamentos da marinha franceza.



ALBUM

Oh terra creadora, oh natureza,
oh ventre que geraste o cardo e a flôr,
esconde esta paixão, lava d'amor,
que me invade de languida tristeza.

Quero morrer, sentir toda a grandeza
d'um seio casto, bom, consolador,
arrancar da minha alma a voraz dôr,
que a prende á podridão, á vil torpeza.

Ao romper das manhãs as notas graves
da orchestra, alegre e musical, das aves,
virão acalantar meu brando somno;

e quando o vento dentro das florestas
entoar terno o hymno das suas festas
eu gosarei as virações do outono.

F. J. RAMOS.



MINIATURAS

RUBENS

É o pintor mais notavel da escola flamenga. Depois de ter estudado no *atelier* de Adam van Noort e no de Otto Voenuis, viajou pela Italia, que, como escreve um elegante

estylista portuguez, tem sido e será sempre o sonho querido de todo o homem pensador e artista.

N'esse paiz, fadado para a arte, estudou os modelos de Julio Romano, discipulo do divino Raphael, e as obras primas da escola veneziana.

Os seus quadros mais inspirados são: *O Descimento da Cruz*, os *Quatro Evangelistas* e o *Propheta Elias*. Rubens escreveu differentes obras e entre ellas um *Tratado de Pintura*.

O mais distincto dos seus discipulos é, sem duvida, o celebre retratista Antonio van Dyck.

JOSE PESSANHA.



CARTEIRA UTIL

COQUELUCHE

GRANDE numero de medicos reputa ainda hoje a *coqueluche*, como uma nevrose, outros pelo contrario, considerando que essa doença se manifesta principalmente sob a forma epidemica e que é eminentemente contagiosa, oppõem-lhe exclusivamente os meios proprios de combater as doenças parasitarias.

Uns e outros têm razão, porque a doença não pôde ser combatida sem o auxilio mutuo das duas opiniões.

É certo que um parasita vegetal, um cogumello infimo, existe nas mucosidades da coqueluche, segregadas pela mucosa das vias respiratorias. Este microphyto, constituido por filamentos ramificados e reproduzido por esporos ovaes, pouco mais ou menos semelhantes aos do *oidium*, foi perfeitamente descrito por Letzerich. É pela irritação dos nervos da larynge que estas mucosidades determinam a tosse, o que colloca o medico na necessidade de combater simultaneamente o effeito e a causa.

A coqueluche distingue-se da laryngite e bronchite pela sua natureza essencialmente parasitaria. A larynge e os bronchios são inflamados do mesmo modo; mas existe na coqueluche um elemento morbido, que falta no catarrho simples, o minusculo vegetal, desenvolvido sobre a mucosa.

Contra esta terrivel enfermidade, que ataca as creanças até aos 8 annos, não ha infelizmente um agente therapeutico infallivel. Em todo o caso a sciencia aconselha meios hygienicos e applica com vantagem certos preparados, que se não destroem completamente o microphyto, pelo menos attenuam os seus terriveis effeitos.

A mudança de ares e o isolamento do doente devem ser immediatamente empregados; e nas cidades onde ha gazometro, um passeio de manhã e outro de tarde, nas immediações dos tanques de purificação, são muito proveitosos.

A alimentação deve ser tónica e de facil digestão.

O xarope de Desessartz, do qual o serpão e a ipecacuanha são a base, é um calmante efficaç. Contra o espasmo glótico está indicado o xarope de belladona—o de codeína—o de camphora, na dose diaria de quatro a cinco colheres de chá.

O pó de *ipéca*, dado em dose vomitiva, de uma ou duas grammas, em uma chavena de infusão de malvas, está indicado sempre que a mucosidade do catarrho, obstruindo os bronchios, depois dos accessos, produz notavel difficuldade de respiração.

POR UM BEIJO

ROMANCE DE ERNESTO CAPENDU

III

Na Opera!

(Continuado do numero antecedente)

A FINAL fez um gesto de febril impaciencia e segurando a mão do nobre inglez disse-lhe em voz baixa:

—Williams! o senhor está effectivamente dominado por essas horriveis ideias?

Sir Williams sentiu uma nuvem de fogo passar diante dos olhos, còrou e apertando, entre as suas, as mãos da marquezia, curvou-se um pouco e com accento apaixonado murmurou-lhe ao ouvido:

—Regina! Eu amo-a, amo-a sempre e não posso esquecer o que v. ex.^a me disse, ha dois annos, na noite em que a tempestade dobrava a mastreação do meu yacht e o abysmo ameaçava tragar-nos a ambos.

—Cale-se! Cale-se!—respondeu Regina em voz baixa. É necessario respeitar essas recordações, como se respeitam os mortos...

—Mas não se podem resuscitar? É essa a conclusão do seu pensamento? Perdoe-me, pois, essa allusão ao passado e fallemos só do presente. Vive agora em Paris?

—Sim, mylord, ha seis mezes.

—Ser-me-ha permittida a apresentação dos meus respeitosos cumprimentos em sua casa?

—De certo. Eu recebo a melhor sociedade, o que quer dizer que as portas dos meus salões estão sempre abertas para v. ex.^a

—Ha dias fixos de recepção?

—Certamente.

—Será indiscripção perguntar quaes são?

—As terças-feiras.

—Mil vezes obrigado. Terei cautella em não me approximar do seu palacio n'esses dias.

—Porque?

—Tenho horror às comedias dos salões, são muito peor representadas que no Theatro Francez.

—Que quer dizer?

—Que terei a honra de procural-a em outro qualquer dia.

Regina não respondeu e continuou a desfolhar as flores do seu *bouquet*.

N'este momento a sineta do palco indicou que tinha terminado o entre-acto. Sir Williams levantou-se e inclinou-se profundamente.

A marquezia ergueu a cabeça e disse:—O seu cartão não indica a sua morada.

—Deseja sabel-a?

—Desejo.

—Avenida Chateaubriand, 12.

—Que dia é hoje?

—Quarta-feira.

—Muito bem, no sabbado, d'aqui a tres dias, uma mulher hade apresentar-se á porta da sua casa. Dê ordem para que ella seja introduzida sem declaração prévia do seu nome... Agora pôde retirar-se. Não volte a visitar-me esta noite.

—Obedeço cegamente, respondeu elle, apertando entre as suas a pequenina mão, que lhe estendera Regina. Depois com a alegria no coração, sahiu para fóra do camarote.

IV

No corredor

No momento em que sir Williams fechava a porta do camarote viu deante de si o homem que acompanhava Regina, o qual, ha alguns minutos, passeava no corredor.

—Dom Pacó de Sandoval!—disse sir Williams, inclinando-se com uma delicadeza um pouco ironica.

—Sir Williams! Os meus presentimentos nunca me enganam. Ha tres dias que espero a occasião de enconral-o, disse friamente Dom Paco.

—A honra é minha, respondeu o lord.

— A proposito, está completamente cicatrizada a sua ferida ?
 — Qual ?
 — A ultima.
 — Completamente e agradeço o interesse que lhe inspira a minha saude.
 — Não tem que agradecer-me. O meu egoismo é que fez a pergunta.
 — Tenciona demorar-se muito em Paris ?
 — Não sei ainda.
 — Merecer-lhe-hei a fineza de dar-me o seu adresse ?
 — Avenida Chateaubriant, 12.

— Quando está em casa ?
 — Todas as manhãs.
 — Então dá-me licença que vá fazer-lhe uma pequenina visita.
 — Tenho n'isso o maximo prazer.
 — Mas eu talvez appareça a uma hora um pouco incommoda.
 — Seja qual fôr a hora, para v. ex.^a estarei sempre visivel.
 — Muito obrigado e para corresponder a essa delicadeza vou immediatamente fixar o dia e hora da minha visita.

(Continúa.)



RIO MOONDAH

PASSATEMPO

CHARADA

Já fui altiva viçosa,
 Hoje estou velha mirrada !
 Inda assim já mão prendada
 De mim fez mais d'uma rosa — 2.

Sobre a vaga furiosa
 Arrostando a onda irada
 Eis a vida desgraçada,
 Que me deu mão impiedosa — 2.

Má vida! sustento,
 É a vida do mar,
 Que a cada momento
 Me pôde tragar.

PESCADOR.

LOGOGRIPHO

Curvado e mesmo abatido 1-4-2-3
 De espira tenho a figura 4-3-6-2-1
 Com trabalho em noite pura 6-5-4-1-3
 Torno o homem conhecido 2-1-4-1.

Conceito, leitor,
 É facil de dar:
 Somos nove irmãs,
 Vivemos no mar.

PESCADOR.

Explicação do enigma com supressão de consoantes.

Basta:

Basta de amor, teu coração gelado
 Deixou de ser o meu enlevo qu'rido;
 D'outr'ora o fogo 'hi o vês apagado;
 Digo-te adeus, p'ra que o viver 'passado
 Morra p'ra sempre n'um completo olvido.

Explicação da charada. — Eugenio.